4.º DA 3.ª SERIE. N.º 28. 14 ABRIL 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 30 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 8 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 11.

A REVISTA UNIVERSAL — Á IMPRENSA PERIODICA.

A propriedade litteraria, como já por outras vezes o-temos dito, e como o-entendem todas as nações illustradas, é uma das mais incontestaveis; nenhuma ha a que, até pelo interesse do público, se-deva guardar mais escrupuloso respeito. Inabalaveis n'este principio, todas as vezes que de qualquer jornal julgarmos conviniente copiar para o nosso uma só linha, teremos todo o cuidado em declarar franca, leal e estendidamente o d'onde a houvémos; e até d'essas mesmas transcripções nos-absteremos para com aquellas Folhas, cujos Redactores nos-insinuarem por qualquer via, que tal reproducção lhes-desagrada. Temos logo direito para pedir *a todos e a cada um d'elles*, que usem para comnosco de reciprocidade. O tomarem *textual e virtualmente* artigos nossos é uma prova de apreço que nos elles dão, e nós lhes-agradecemos; mas da sua lealdade esperamos que, n'uma ou n'outra hypothese, não permittam aos seus compositores o esquecimento, que já frequentes vezes tem havido, de exprimir claramente e no fim de cada um artigo, integral ou substancialmente extractado da *Revista Universal Lisbonense*, o titulo da Folha cujo é.

CONHECIMENTOS UTEIS.

229 ESTRADAS.

Tendo-se em fim principiado em Portugal a dar a consideração devida á necessidade que temos de estradas; tratarei de expender neste, e successivamente em alguns artigos mais, alguns apontamentos estatisticos sobre esta materia, não somente de paizes estrangeiros, mas tambem do nosso, interpendo ahi aquellas observações, que na minha fraca opinião podem ministrar algumas luzes para se-levar a effeito a sua construcção no nosso reino.

INGLATERRA.

Começaremos por esta nação, por ser aquella que mais desenvolvimento lhe tem dado e de onde são mais conhecidas, por ser nella que modernamente mais se-tem popularisado a sua execução, sendo raro e quasi um phenomeno ha muitos annos a esta parte, que o Governo se-encarregue alli de administrar a bolsa dos contribuintes para objectos, taes como este, que em geral digam respeito á commodidade unicamente ou aos interesses dos particulares.

Pelo Jornal da Sociedade de Estatistica de Londres, consta que a extensão das Estradas Reaes de Inglaterra e Gales em 1836, era de 22,788 milhas, sendo o rendimento percebido nas suas barreiras, livre das despezas da cobrança, 1,646,238 lib. — ou, a 4$000 réis por lib., 6.584.952$000 réis, os quaes eram cobrados em 1,129 secções locaes (*trusts*) comprehendendo estas na sua administração ao todo, segundo Mac Culloch Dict. Verb. Roads, 4871 barreiras, ou 1 por cada 4.67 milhas, com o rendimento, termo medio, de 1.351$868 réis cada uma. Além das 22,788 milhas de estradas reaes, ha mais, segundo o mesmo author, 72,212 milhas de estradas de 2.ª ordem e caminhos vicinaes, mantidos pelos Concelhos.

O custo primeiro das estradas reaes na sua antiga origem, não o-poderei eu dizer, nem ninguem mais, por pertencer a uma epocha em que estes objectos pouca attenção mereciam, e por tanto não se-conservou estatistica nenhuma delles. Verdadeiramente ellas eram feitas por *Statute labour* (corvées — jornaes de trabalho forçado) de 4 dias cada anno (Philip & Mary, 28.º do seu reinado). Passando ao nosso seculo, M.º Adam, 4.ª 5.ª 6.ª Ed. Enc. Brit. 6.º vol. 1824. Verb. Road-making, diz que a despeza de surribar e formar de novo com cascalho, na altura de 4 polegadas, que elle julga sufficiente, uma estrada arruinada, andava geralmente desde 1.d a 2.d por vara quadrada (16 a 32 reis). Muito longe deste calculo está porém a Junta de Parochia de Marylebone de Londres, que ainda o anno passado, tratando de substituir por mais barato, uma calçada de madeira ao *macadumiso* da rua de Oxford, declarou que essa mesma vara quadrada lhe-custava 2.s 4.d ou 466 reis. Já se-vê pois, como é obvio, que o maior e menor preço, o-determinam as circumstancias, quando mesmo o tempo nenhuma influencia tivesse para o-determinar. Em quanto ao reparo e conservação das que são reaes, conforme a um Relatorio apresentado ha dois annos ao Governo pelos Commissarios das mesmas, se-acha que importa por um termo medio lib. 36 — ou reis 144$000 por milha de comprimento, cada anno.

Se eu não tivesse a intenção de apresentar algumas noções sobre a *viação* em geral com applicação ao nosso paiz, deixaria de abranger as communicações por agua em canaes, e não fallaria dos caminhos de ferro, mas tendo este intento tocarei ao mesmo tempo neste objecto.

Comprehendem os canaes de Inglaterra, excluindo os que são de menos de 5 milhas, o numero de 103, com uma extensão (Huerne de Pommeuse, canaux navigables, L 4 p 145) de 2671 milhas, 2329 das quaes custaram reis 80.666.400$000 ou 34.635$637 reis por milha. O seu rendimento liquido, variando os dividendos que sobre todos elles se-cobram, desde 1 até 124 por cento ao anno (Mac Culloch Dict. Verb. Canals) foi calculado por Sir Robert Peel, Parl. Deb. 11 Março 1842 em m. ou m. lib. 1,200,000 — ou reis 4.800.000$000, ou 5 por cento sobre o capital.

Os caminhos de ferro que já hoje existem nesta nação medem uma extensão de 1750 milhas (parl. deb. 4 de março 1842) importando em 1840, lib. 62,786,931 — ou reis 251.147.724$000, saindo cada milha por 143.512$928 reis. O seu rendimento bruto, calculado pelo do mez de Setembro do anno passado era de lib. 5,002,200.8.4 — ou reis 20.008.801$666, e o liquido foi orçado por Sir Robert Peel em m. ou m. lib. 3,200,000 — ou reis 12.800.000$000, ou 5 por cento sobre o capital.

Tendo feito o resumo da viação interna que possuem a Inglaterra e Gales, devida á arte, convém fazer algumas ope-

rações pelas quaes se mostre a sua razão para com a superficie do territorio que ella intersecta; quantos habitantes tocam a cada milha, e vice-versa; e finalmente qual é o rendimento que cada um delles tira dellas. Mais tarde trataremos do custo do transporte dos passageiros e das fazendas, e da velocidade da locomoção, em cada uma das tres especies que tem sido descriptas.

Sendo a área quadrada da Inglaterra e Galles 58,335 milhas, a raiz deste numero, ommittindo quebrados é 242 milhas. Dividindo 22,788 por ella, temos 94 por quociente, e por conseguinte, por cada uma das milhas quadradas da sua superficie, se-prolonga linearmente n'alguma parte della 0.38 de estrada real ou mais de $\frac{4}{11}$ de milha.

Fazendo a mesma operação para os caminhos de 2.ª ordem e vicinaes, teremos que cada milha quadrada será tocada por elles na sua periferia por (72,212÷242=298÷) 1.23 ou 1 milha e quasi um quarto.

Os canaes, pela mesma regra (2,671÷242=11÷) dão 0.04 centessimos, ou sómente a cada 25 milhas toca 1 milha de canal.

É ainda mais diminuta a quota dos caminhos de ferro, por que ahi são (1750÷242=7 ÷) 0.02 centessimos, ou são precisas 50 milhas, para por intervallos ter 1 milha de caminho de ferro. Resumindo as 22,788 milhas de estradas reaes, as 72,212 de estradas vicinaes, as 2,761 de canaes, e 1,750 de caminhos de ferro, formando ao todo 99511 milhas, temos que cada milha quadrada é tocada linearmente por (99,511÷242=411÷) 1.69 ou 1 milha e mais de ametade de outra de estrada real, caminho vicinal, canal, ou estrada de ferro.

Tendo concluido a primeira operação da amplitnde das communicações, vamos a ver a segunda dos habitantes por milha de estrada. Contando a Inglaterra e Galles, pelo ultimo censo de 1841, o numero de 15,906,829 habitantes, tocarão a cada milha de estrada real 698 individuos, vicinal 220, canaes 5761, e estrada de ferro 9089; termo medio geral 159. E vice-versa terá cada habitante 0.001 = 5 pés de estrada real; 0.004 = 20 pés de estrada vicinal; 0.0001 = $\frac{1}{2}$ pé de canal; e 0.000 $\frac{1}{2}$ pé tambem de estrada de ferro; termo medio geral 0.006 = 30 pés. Parecerá caprixosa com escrupulo esta divisão, mas ha de ter uma applicação preciosa.

O rendimento por cada milha de estrada real é de 282$965 reis, de cada milha de canal 1.738$500 reis, e de cada milha de caminho de ferro é de 7.314$285 reis; termo medio 889$153 reis, e incluindo os caminhos vicinaes 243$055 reis. Toca a cada individuo neste rendimento, pela estrada real, 411 reis; pelo canal 300 reis; e pela estrada de ferro 800 reis; somma de todos, 1511 reis: mas como são 5 pés de estrada real para 411 reis, e $\frac{1}{2}$ pé só para canal por 300 reis, e $\frac{1}{2}$ pé tambem so para estrada de ferro por 800 reis, temos, na proporção relativa á estrada real, que o canal vale 750 reis, ($\frac{1}{2}$.300:5.) e a estrada de ferro 2000 reis; e invertendo, acharemos que a factura de canaes veio dar um valor 18 vezes maior ao seu rendimento, e a dos caminhos de ferro 48 vezes (5.411:$\frac{1}{2}$. 41÷750 = 18. 5.411:$\frac{1}{2}$. 41÷2000 = 48) maior, do que se não se-tivessem verificado aquellas duas felizes invenções, que tanto acceleram o movimento dos passageiros e das mercadorias.

Disse que era precisa a minuciosidade destes calculos em que entrei, e agora se-provará a sua verdade. Vê-se pelo que antecede que 1.º, unicamente por que cada inglez aliza o piso de 30 pés na testada da sua propriedade, e promove a sua propria circulação, e a dos seus generos, elle deriva dahi 1511 reis, que é quasi 3 vezes o que rendem por individuo todas as nossas contribuições directas, que não passam de 547 reis por cabeça ao anno (Exame do Orçamento pelo A. p 18); 2.º que, porque aperfeiçoa essas mesmas communicações, vem a tornar o seu rendimento equivalente a (750 + 2000 = 2750÷41 = 68 + (411 reis) 1) 69 vezes o que elle seria sobre a antiga estrada ordinaria. Parecem-me pois attendiveis os motivos do desenvolvimento que tenho feito, e que tem por alvo mostrar o interesse que ha, 1.º, em promover as estradas de um paiz, e 2.º em as-aperfeiçoar com intelligencia e em relação á economia dos meios, para que não faltem antes da sua conclusão. Estes quezitos com relação a Portugal serão no seu logar competente tão amplamente esclarecidos, quanto o permittir o espaço desta folha. *(Continuar-se-ha).*

Claudio Adriano da Costa.

MAIS UMA ESPECIE DE MILHO.

230 A Revista Universal, a pedido nosso, presenteou-nos largamente com todas as especies de trigo, milho, cevada, que no seu Escriptorio se-distribuiram o anno passado. Confiámos estas sementes (com bastante pesar nosso) a mãos extranhas, que nol-as levaram para longe; e expressámos desejo de retribuirmos, de alguma maneira, o recebido favor.

Com effeito, de *Sobral do Parelhão*, Concelho de *Cadaval*, nos-remettem uma amostra de milho, que julgamos digna do proposto intento.

Não diremos nós se este milho é oriundo da Asia, ou da Africa; as denominações locaes assentam, muitas vezes, em idéas erradas, que é necessario corrigir.

Procurando obter informações sobre a qualidade, e naturalidade desta especie de graminea, escreveram-nos que se-cultiva actualmente em uma Quinta chamada — da Granja — situada no mesmo Concelho; e que lhe-chamam alli — milho da India. — A sua folhagem é pomposa, e igual á do milho ordinario: a canna eleva-se, vigorosa, a mais de 63 pollegadas de altura; estéril de maçarocas: somente no seu cume brota uma panícula, mui farta de sementes, pouco maiores que alpista, e similhantes, no feitio, a pivides de maçã. Compoem-se de um só lóbulo, que na rijeza, e alvura interior, não differe dos das outras especies de milho conhecidas, e cobre-as um tegumento coriaceo, ligeiramente felpudo, e de uma côr de amarello-tostado.

Semeando este milho em redor da vossa horta, poreis frondente abrigo ás plantas crucíferas, leguminosas, e cucurbitáceas, que ahi criardes: e, completo o curso da vegetação, regalareis com a folha o vosso boi, fareis do colmo o uso que vos-approuver, e banquetareis com a semente a perdiz, ou rôla, que tiverdes engaioladas.

Esboçando estas linhas, não imaginâmos merecer alviçaras por cousa achada de novo: bem conhecida será ella de muitos; mas de certo o não é de todos. Vulgarisal-a é o nosso intento. — *Maria I. S. C.*

N. B. A Senhora Dona Maria I. S. C. fez-nos o obsequio de presentear-nos com a amostra de milho, tão bem descripta no artigo que precede; o público a póde vêr no Escriptorio deste Jornal.

SINGULAR REMEDIO CONTRA A TINHA.

231 Não nos-cabe a nós o fazer reflexões sobre a natureza desta grande, e asquerosa enfermidade: aos que na arte de curar são professos deixaremos seu direito sem lezão, e uzando do nosso daremos ao público conhecimento d'um remedio, com que se ella cura radicalmente: e se o não ser elle authorisado com o titulo d'algum jornal estrangeiro ou com o nome d'algum Doutor, é para muitos falta imperdoavel, onde prendem escrúpulos, e donde nascem despresos; o ser visivel sua virtude, e bem provados seus effeitos foi para nós razão fortissima para lhe-darmos publicidade, annuindo aos caridosos desejos de quem isso nos-encommendava: nem seremos embaraçados nestes casos com a pouca conta, em que hoje são tidas as receitas cazeiras, e mezinhas de velhas. O certo é que esta especie de lepra, que particularmente ataca a cabeça dos rapazes, e de muitas creanças, conhecida com o nome de tinha, produz defor-

midades por toda a vida, e é muito má de curar-se: muitos, depois de gastarem largamente com cirurgiões, e boticas, têem ficado com a molestia, como d'antes era, e julgados sem cura: pois a estes, e aos que não quizerem ser enganados, applicaremos a receita da Velha, que anda por esse mundo curando tinhosos, e ultimamente sarou dois no Concelho de Barcos, já desesperados d'outra medicina: e ella nos-perdôe o damno, que lhe-vai na publicação do roubo, que lhe-fizeram, do segredo, em que tinha seu privilegio exclusivo. — Facil é o remedio, e de pouca despeza; assim não fôra elle doloroso para o enfermo! Vão-se estendendo pelos logares, por onde a molestia tiver lavrado, uns emplastos de pez ainda quentes, e que fiquem bem pegados; passadas vinte quatro horas, tira-se o emplasto, ou melhor diremos, que se arranca levando couro e cabello: applica-se outro em logar onde seja necessaria a mesma operação: assim se-vai arrancando todo o cabello, e lavando a cabeça com aguardente uma, ou duas vezes no dia: começa logo a melhora desapparecendo a escára; e toda má apparencia, que d'antes havia, se-torna em um estado natural: não tarda de nascer novo, e basto cabello, com que termina o curativo. — Se olharmos á ruindade do mal, não nos-parecerá o remedio muito agro; e sendo tal seu effeito, como quem o-observou no-lo participa, já qualquer tinhoso não desejará ver outro, senão para lh'o ensinar, e encarecer sua virtude. — *N.*

Não tendo querido arriscar-nos a publicar o artigo que precede sem beneplacito de homem da arte, consultámos um dos mais eminentes da capital, cuja opinião será lida com respeitosa attenção, e é a seguinte:

« É muito interessante a noticia que V. V. colheram relativamente ao tratamento da tinha, e digna de occupar a attenção publica, e dos medicos em particular. Estas observações não revelam um meio therapeutico novo, pois que ha muito se-acha mencionado nos tractados especiaes de doenças de pelle, começando por *Turner*, *Astruc*, e modernamente *Boitt*, *Alibert*, *William* e *Batemann*; mas, torno a dizer, o objecto é interessante, porque os medicos têem mais vezes condemnado que approvado o remedio, por violento e sujeito mesmo aos inconvenientes das repercussões sobre orgãos internos, e não obstante o dito tratamento tem evidentemente sido proveitoso para muitos casos nas mãos de empiricos, ou em quanto no dominio da medicina popular, e direi tambem nas mãos de facultativos. É tambem mais que verdade que esta medicina popular, de instincto, tradicional, muita vez tem ensinado aos medicos coisas muito uteis; devem-se-lhe acquisições importantissimas.

« Por isso reputo de todo o interesse chamar a attenção sobre um objecto que póde não estar, e não está de certo, esgotado.

« No hospital de S. José, no serviço dos tinhosos, (que por uma celebre extravagancia daquelle estabelecimento é commum com o dos alienados) sei que se-tem experimentado o tratamento pelos emplastros d'arrancamento. »

GRANDE INIMIGO DA INDUSTRIA — CONTRABANDO.

232 A Villa da *Covilhã*, hoje insigne por ser o berço da nossa industria no grande ramo de lanificios, apezar dos ricos dons, com que a natureza a-enriqueceu, era até os tempos do Marquez de Pombal quasi sem nome, sem artes, e sem commercio. Com ser tão rica, e abundante de bellas aguas, situada nas abas da Serra da Estrella, servida de duas excellentes ribeiras, assim mesmo não tinha mais que uma fabrica (talvez a primeira de lanificios, que teve Portugal) imperfeita, e mal administrada, como naquelle tempo corria tudo, que pertencia á fazenda real: mas o Ministro Pombal não era homem que deixasse o abandono seguir seu curso estragador; ou que desconhecesse as vantagens naturaes, que alli deviam de ser aproveitadas, em utilidade da nação. Uma grande, e sumptuosa fabrica se-edifica alli sob sua direcção com o nome de Real; e para que o proveito fôsse maior, e os productos mais perfeitos, mandou vir de fóra mestres, e bons entendedores do fabrico dos melhores pannos de lã, a quem não só commetteu o serviço das diversas officinas, mas o ensino dos artistas, e obreiros portuguezes. Nada alli faltava para a animação da industria, e segurança do bom credito. Inspectores, Juizes, Vedores, Medidores, e Selladores, tudo alli havia, e todos trabalhavam, cada qual no seu mister, para que se-guardasse a fé commercial, nem houvesse a menor sombra de ser quebrantada ou na qualidade, ou na medida: o que a marca de cada peça cifrava a este respeito era um Evangelho. — Com este exemplo se-animou desde então a industria: e foram apparecendo novas fabricas de lanificios de senhores particulares, levados uns pela idéa do lucro, que sempre é a alma do negocio; outros pelo desejo de agradarem ao Ministro, que nunca faltam aos poderosos aduladores tão destros em seu officio, que bem se-sabem embuçar nas apparencias de serviço público, e amor da patria. Em os nossos dias, é verdade, que não tem descaído, senão augmentado este ramo de industria; porque a natureza o-favorece, e ampara por todos os lados; mas se a peste do contrabando de *Hespanha* continúa tão desenfreada como atégora, em breve o-veremos de todo acabado: peste lhe-chamamos nós, e peste é, que matará, senão nos-acodem, nossa fazenda, e vidas. Um sem numero de operarios, suas mulheres, e filhos; muitos artistas, e negociantes, e quasi todos os senhores de gados do Alemtejo d'aqui vivem; e todos estão ameaçados mais, ou menos. Não ha feira, nem mercado no reino onde não appareçam contrabandos tanto de lã, como de seda. Nas Provincias do Norte, muito rara será a casa do Mercador, que não tenha surtimento destas fazendas. Aqui está em que parou a grande esperança, o assoalhado beneficio das reformas das pautas! Sem uma rigorosa fiscalisação, o augmento dos direitos das fazendas estrangeiras não é remedio, é morte para este ramo da nossa industria; porque o contrabando se-anima, e augmenta, como por desgraça o-estamos vendo. No Minho, Tras-os-Montes, e por quasi todas as Provincias andam os contrabandistas introduzindo suas fazendas á mão-tenente. Nas feiras de *Vizeu*, e *Gollegã* se-fizeram muitas vendas destes generos tão abertamente, como se foram de nossa casa. Em *Coimbra* têem entrado ás cargas a olhos vistos. Em fim seria um nunca acabar se foramos apontando todos os logares, e mercados por onde o contrabando se-tem espalhado. O que nós dizemos agora, e o que repetiremos muitas vezes, é que nada nos-aproveita, nem póde luzir-

nos o augmento das nossas fabricas, a perfeição dos nossos productos, e o progresso da industria, em quanto tivermos nossas portas abertas a estes ladrões, e nossa casa tão devassada. A perda toca a todos: porém uns a-sentem primeiro. A Villa da *Covilhã* e seus contornos, que toda se-póde dizer uma fabrica, porque não ha alli outra lavoura, soffrerá mais, e perderá tudo; e porque o mal já se-sente, e vem com força, delle nos queixamos, e clamaremos sem cessar.

N.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

BIZARRIA PORTUGUEZA.

Abril 14 *de* 1588.

233 *Romanos fomos um tempo* « — disse um dos maiores Sabedores da nossa Historia, e no-lo vai provando maravilhosamente.

Nós, que já d'antes assim o presuppunhamos — arrimados hoje a tal auctoridade, crêmo-lo firmemente.

E como quer que n'este honrado Papel se-dá agasalho, não só a todo assumpto *portuguez*, e para *portuguezes* — senão que se-doutrinam e favorecem todos quantos, de animo resoluto, e apostado, derem de mão ás — *puerilidades do dia*, — para seguirem as vias, que na traça d'esta nobre Empresa, apontou a Redacção — nós, que nos gloriamos de ser d'estes ultimos, e a quem por isso foi dado este logar (e á fé, que bem desarrasoado com a nossa debilidade) para n'elle *trasladar* o que extrahissemos das fecundissimas minas da nossa historia, a servir d'exemplares e incentivo á esperançosa juventude Portugueza de nossos dias — cá iremos humildemente carreando *feitos sobre feitos*, com que fique monumental o fundamento da grão Sentença, que ao começar addusimos. Missão honrosissima, mais que quanta ambição de homem pode anhelar, — mas que todavia não ousára eu d'acceitar, se um respeito, ou antes — *dever* —, não houvera, e tal, que outro não vejo n'este mundo, capaz de me-fazer quebrar o *proposito feito de não affrontar a luz publica*.... Tanto pode a alçada dos *Mestres*, quando são taes! —

La ficam no precedente numero commemoradas proesas de nossas armas, com as quaes não tem que vêr as dos Romanos: — hoje irá um exemplo dos bons costumes de nossos antigos Capitães.

Disse um Santo e Doutor, e de tão alevantado espirito, que é tido por *Aguia* dos da Igreja — *que a causa porque Deos dilatou o Imperio Romano, foi porque com algumas boas obras tractou d'alcançar honra e nome* » — ¿ que não diria elle do *Portuguez*, se vivesse no tempo em que começou de crescer, e arribou a ponto de chegarmos com a *espada*, onde elle — *S. Agostinho* — não chegou com o *entendimento*, como agudamente disse o *P. Vieira* fallando ácerca dos *antipodas?*

Vamos pois á *Historia Romana* buscar uma *boa obra*. Conta ella, que quando *Scipião Africano* viera fazer guerra á Hespanha, terminada a seu favor uma batalha, lhe-trouxeram os seus soldados prisioneira, uma Donzella de tão rara formosura (como ainda *por cá* as temos e muitas) que levava os olhos a todos quantos n'ella os-punham. Que maravilhado *Scipião* de a-ver, se-informára de seu nascimento e familia; que sabendo ser das principaes da Provincia, e que estava em vesperas de casar com *Allucio*, principe dos *Celtiberos*, lh'a foi propriamente entregar, assegurando-o de que fôra tão respeitada dos seus, como se não saíra da casa paterna. Que offerecidas pelos pais e noivo, com os mais signaes de reconhecimento, grandes sommas, o General tudo engeitara a troco de lhes-pedir amizade para o *Povo Romano*. *Allucio* para perpetuar a memoria de sua gratidão, fez gravar tudo o succedido, em um *escudo de prata*, maravilhosamente obrado, com que brindou o generoso *Scipião* — que o-recebeu como o maior tropheo de todas as suas victorias.

Grande devêra de ser o pesar que teve este famoso heroe, quando o-viu submergir d'envolta com a sua bagagem, ao atravessar o *Rhódano*. E ahi jazeu — *por* 18 *seculos!* — até que em 1665 foi achado por uns pescadores, — e é hoje uma das mais celebres preciosidades do — *Gabinete historico do Rei de França*.

Memoravel acção é esta, na verdade, e de um mancebo de 25 annos, que tantos tinha *Scipião* por esses tempos.

Venha agora a *Historia de Portugal* — e vejamos como tambem tivemos *Scipiões* que sabiam *vencer, e vencer-se*.

Ceylão — a mais avantajada *Ilha* dos mares da *India* — a *Taprobana* celebrada pelo *Camões* — rica madre de *perolas* e *rubins*, com que outr'ora nos adereçámos — porque foi nossa, em quanto a *dominação Castelhana* não entregou grande parte á voracidade da *Hollanda*, e de todo não caíu no poder dos *Inglezes* — que são — *os adéllos* — das joias e alfaias de Portugal..., — esta *Ilha* dizemos, apesar de perdida ha muitos annos, lembra-nos ainda que foi um dos notaveis theatros das façanhas dos nossos antigos Capitães. Ardia em furiosas guerras, pelos annos de 1588 — sopradas pelo tyrano *Rajão* — bem fallado nas historias desses tempos: — quando foi mandado discorrer por aquelles mares. *Thomé de Sousa* — Capitão-mór d'uma armada, de pouco porte no numero e corpo das velas, mas d'alta monta, pelo esforço dos soldados. E em quanto o inimigo nos-apertava a Fortaleza de *Colombo* — capital da Ilha — *Thomé de Sousa* — para o descoroçoar, fez desembarcação na cósta, e foi-se até *Tanaver* — onde os Malabares tinham um *Pagode* mui celebre, e de tal reputação entre elles, que haviam por dogma de sua crença não poderem alli chegar Christãos. Sabemos que os *pagodes da India* são subterraneos, — e rasão têem elles de não patentear á luz do sol as praticas absurdas, abjectas e vís da sua religião. Copiosa noticia nos dá d'elles o nosso *Diogo do Couto*.

O de que fallâmos, occupava *mais d'uma legoa* de circumferencia, era de estupenda fábrica, todo cuberto com abobadas de marmore, e estas, de cobre dourado, e em volta, passante de mil idolos de exquisitissimas figuras, todos mettidos em nichos — e o mais do grandioso edificio, apartado em claustros, officinas, e casas para os gentios que o-guardavam, e mantinham o culto. Investiu *Thomé de Sousa* com os de *Tanaver*, a quem, depois de grande resistencia, levou de rota batida até ao *Pagode*, que desbaratou completamente, derribando os idolos que não poude trazer. — E assim desenganou aquelles *cegos* da falsa immunidade da sua *Arca*. Isto feito, recolheram-se os nossos a seus na-

vios, com grande quantia de prisioneiros que fizeram. Tinham ja levantado ferro, para se-partirem, quando atracou á *Capitaina* um mancebo *Chingalá* (que é a terceira raça indígena do *Ceylão*) que pelo gesto, e trajo, mostrava ser pessoa principal; e como subiu, lançou-se nos braços de uma *formosa moça* que entre as prisioneiras vinha, ricamente vestida, e acompanhada ao uso *pérsico* — e começaram ambos de se-lastimar, com taes clamores e signaes de ternura, todos debulhados em lagrimas, — que attrairam a attenção de toda a gente do navio. E sabido que eram casados havia pouco, e que o mancebo largando pai e mãe — como se conhecera o *preceito Evangelico*, — vinha entregar-se ao captiveiro, por não desamparar sua mulher (destes vão por ahi bem poucos), não tardou o nobre *Thomé de Sousa* em usar da sua fé e bisarria de cavalleiro christão — ordenando que fossem postos em terra, *livres*: — do que elles maravilhados, commetteram ao generoso capitão Portuguez diversos partidos e offertas, que tudo refusou á conta de se elles fazerem *Christãos*, o que conseguiu, vindo no mesmo navio para *Colombo*, onde foram sempre grandes amigos dos nossos, e os-serviram em tudo com grão fidelidade.

Eis como os nossos passados se-irmanavam com os Romanos. *A. da Sylva Tullio.*

OBRAS COMPLETAS DE FILINTO ELYSIO.

Nova edição, Lisboa 1836 — 1840.

234 A laboriosa *Officina Rollandiana*, que tanto tem merecido das letras portuguezas, renovando as edições extinctas dos nossos melhores auctores, dando-as por preços tão commodos que as-tem posto ao alcance de todas as posses, prestou ultimamente um grande e novo serviço á litteratura patria publicando, em 22 volumes em 16, a collecção completa das volumosas obras de *Francisco Manoel do Nascimento.*

Desde o ultimo terço do seculo passado, a immensa reputação do poeta *Filinto* se-tinha estendido por toda a parte onde é conhecida a lingua portugueza. As suas odes admiraveis, as suas traducções dos classicos latinos, francezes, inglezes, nem sempre modêlos da optima traducção, mas sempre thesouros de pasmosa riqueza de linguagem, corriam por todas as mãos em differentes volumes de mui desvairado feitio e tamanho, impressos uns em França, outros em Hollanda, e alguns em Lisboa tambem. Desterrado da patria, e na longa perigrinação da sua vida que durou até os 80 e tantos annos, *Francisco Manoel* andou sempre escrevendo e imprimindo. O seu nome tinha chegado ja ao mais alto gráu de reputação litteraria entre nacionaes e estrangeiros, quando um livreiro do Porto, o Sr. *França*, ajudado e favorecido de alguns zelosos patriotas, e especialmente do Sr. *Viamonte*, negociante portuguez no *Havre-de-Graça*, emprehendeu em 1816 (vindo a completar-se em 1819) a grande e uniforme edição de 11 volumes em oitavo, que se fez em Pariz na Officina de *A. Bobrée*. Esta edição, não exempta de faltas, e cujo systema, posto que approvado pelo aùctor, me não parece o mais acertado, era a unica, de todas as obras do nosso poeta, e, pela fórma e preço, nunca podia chegar senão ao alcance de poucas pessoas.

Ninguem hoje duvída de que *Filinto* fosse o verdadeiro restaurador da lingua portugueza. Levantou e firmou esse estandarte de reacção contra os gallicismos invazores e as estrangeirices de toda a especie que tinham corrompido, deturpado, perdido de todo a lingua. Acudiram ao seu brado imitadores, auxiliadores e proselytos; a reacção foi talvez mais longe do que o justo — se ella era reacção! mas foi precisa e util: o tempo a-corrigirá do excessivo. Os escriptos porém de *Francisco Manoel* foram e são os mais poderosos instrumentos desta importante revolução; e infelizmente não têem circulado bastante para se-lhes-conhecer todo o preço, para se-lhes-avaliarem os proprios defeitos.

A edição portugueza dos Srs. *Rollands* junta ao merito de uma grande correcção o da extrema modicidade do preço e o de incluir algumas obras ineditas, que na edição franceza se não acham. Entre estas, são as duas tragedias de *Mithridates* de *Racine* e a *Medéa*, que lamentavam perdidas os curiosos da nossa lingua e os apaixonados de *Francisco Manoel.*

Almeida Garrett.

CONSERVATORIO REAL DE LISBOA.

235 Com satisfação publicamos o Relatorio presentado por uma commissão especial ao Conservatorio Real, ácerca da final adjudicação dos premios aos nossos authores dramaticos, Relatorio que por essa illustre assembléa foi devidamente approvado. A carta que o seu digno Secretario, o Sr. *F. A. Varnhagen* nos dirigiu, accompanhando este documento, e que tambem publicamos, completa este curioso ponto para a nossa historia litteraria; pelo que, e por a delicadeza com que n'ella somos tratados, cordialmente lhe-tributamos os nossos agradecimentos.

Não perderemos esta occasião de recommendar uma instituição que, apesar de tão recente, e até agora tão desfavorecida, ou antes contrariada, tão bons fructos tem dado e tantos outros ainda nos-promette, como lhe não falte o agasalho do Governo, ou pelo menos a não persigam, que seria barbaro!

Srs. Redactores da Revista Universal.

Com authorisação do Conservatorio Real, passo ás mãos de V.V. o parecer, que ácerca das peças premiadas foi approvado em sua ultima Sessão Plena, e que aos dezejos e generosa offerta de V. V. vai dever o sair já a luz, — se é que V. V., conhecendo agora a sua extensão, se não resolverem a occupar mais vantajosamente para o Jornal e para os seus assignantes as paginas que elle demandar. Temo, *repito-o*, que o assumpto seja menos agradavel; — se bem que por outro lado espero que nos eruditos lhe não faltará o favor que nos membros do Conservatorio primeiramente, e depois em VV. encontrou. Um merecimento possue elle certamente, e é o ser uma compilação fiel dos juizos, que dispersamente se-haviam feito e se-fazem no Publico ácerca de cada um dos dramas de que se-trata. Nada mais se-commettêra a nós outros, os dous Relatores; essa foi e é pelo menos a nossa persuasão.

Ora se bem que esta missão findou, e a obra já é do tribunal que confirmou a sentença, não nos queremos nós valer de tal, a fim de para com algum interessado nos-subtrahirmos a dar todas as explicações que hajam de ser exigidas ácerca da construcção de alguma ou algumas de suas partes. Tão socegada temos a consciencia de que nada asseveramos sem fundamen-

to de verdade ou convicção!.... A lembrança de que V. V. quererão publicar estas linhas acompanhando o Relatorio, já de si extenso para o Jornal, não permitte mais extensão. Terminarei pois: todavia não deixarei de mencionar que o Conservatorio decidiu se declarasse que, approvando elle a adjudicação de alguns premios iguaes, estava bem longe de reconhecer nas peças premiadas igualdade.

A abertura das cedulas de que se-trata no Relatorio confirmou serem authores dos dramas premiados os seguintes: — Dos *Dous Renegados* o Sr. *Silva Leal Junior*; — do *Camões* o Sr. *Feijó*; — dos *Dous Campeões* o Sr. *Costa de Macedo* — e do *Captivo de Fez* o Sr. *Abranches*.

Lisboa 12 de Abril de 1842.

F. A. de Varnhagen.

RELATORIO.

Senhores: — Encarregados de reconsiderar escrupulosamente as composições dramaticas apresentadas n'este Conservatorio no primeiro e segundo anno de sua existencia, de relatar o effeito que na execução fizeram quando submettidas ás provas públicas, e de expôr o conceito geral que grangearam; não deixámos de reconhecer quão ardua tarefa nos-era incumbida — a nós que, no meio do renascimento da litteratura dramatica n'este paiz, pouco mais temos feito do que acompanhar com os nossos votos e applausos o súbito desenvolvimento que tem recebido essa divina arte, restaurada na patria de *Gil Vicente* com as auspiciosas recordações da memoria d'este poeta — a nós, cujo nome o theatro e seus espectadores nem se quer conhecem de ouvida, — a nós que, se conhecemos os auctores, é apenas para os-estimar como amigos — a nós... sim, a nós é que, ainda mal, confiastes um trabalho tão difficil e quem sabe se perigoso!...

Appreciâmos de quanta difficuldade deve, ainda para engenhos nascidos para o theatro, ser a composição de um drama que tem de satisfazer a tantas conveniencias, sem regras fixas que as-guiem. Sabemos quanto é duro a qualquer auctor vêr em algumas linhas avaliar, segundo a consciencia de outrem, — e por isso nem sempre favoravelmente — o seu trabalho de tantos desvellos; a obra a que, tão de coração se consagrára... É custoso, sem duvida: pois a nós não o é menos a posição em que nos-collocastes, impondo-nos preceitos de crítica, no innocente encargo de relatores. Obedecemos ao vosso mandado, confiados no auxilio do juizo publico, geralmente favoravel, manifestado pela platéa e pela imprensa, nas opiniões dos censores especiaes e nas de alguns de vós outros, — e sobre tudo na bem fundada persuasão de que todos sois benignos e os auctores doceis. Bem sabeis que, pelo artigo 52 dos nossos Estatutos, este trabalho era da competencia das nossas Secções no fim de cada anno; e que o Conservatorio, por uma resolução excepcional, tomada com intenção de pôr em dia trabalhos tão atrazados, antes de aquelles se decretarem, fez carregar sobre nós dobrado pêso de responsabilidade. Relevai por tanto, se a obra não corresponder aos vossos desejos.

Abster-nos-hemos, Senhores, de historiar os successos por vós bem conhecidos que nos ultimos annos produziram n'este paiz tão grande impulso dramatico. N'elles teve a maxima parte o Conservatorio, e antes da sua existencia o seu benemerito instituidor. Appareceram quasi a um tempo um poder de genios dramaticos que vieram enriquecer a scena portugueza, e augmentar o seu repertorio com muitissimas composições de mais ou menos valor. Em algumas notareis por vezes defeitos maiores, apontareis imitações de scenas e pensamentos das peças mais conhecidas, especialmente francezas; porém em todas as que o Conservatorio relaxou ao tribunal das provas publicas, ha merito digno de galardão e recompensa. Dez são as que hoje vão ser de novo submettidas á vossa consideração. Não vos-repetiremos, Senhores, os entrechos e desenvolvimento dos dramas que já vistes representar, nem tão pouco desceremos a mindas analyses dos principaes caracteres e personagens: ouvireis um relatorio resumido e laconico; — despido de erudições — sem graças nem atavios d'estylo: — discorde por ventura alguma vez de vossas opiniões; — mas sempre leal, ingenuo e consciencioso sempre.

Entremos porém em assumpto — que já fatigado de esperar por nós deve estar o primogenito do Conservatorio — o primeiro que ousou romper o silencio, e dar a todos os seus irmãos mais novos digno exemplo de submissão á vossa illustrada censura litteraria. É um titulo de recommendação que se associará para sempre ao *Emparedado*. Funda-se todo este drama em um dos mais sublimes, e felizes pensamentos de que temos conhecimento: é uma grande e justa vingança misteriosamente dirigida por quem só no fim se-descobre. Muito modificado foi elle pela vossa illuminada censura, que todavia não conseguiu fazel-o acolher do publico com aplauso. Notaram alguns o mal atado da fabula, outros a pouca ligação do progresso; porém o conceito mais geral attribuíu o seu frouxo recebimento á pouca energia do dialogo, á menor fôrça das peripecias e á debilidade, e ás vezes menos propriedade, de alguns caracteres. Consta-nos, e com satisfação o dizemos, que seu illustrado auctor tem amadurecido no gabinete este primeiro fructo do seu engenho dramatico, em que agora esperâmos, serão aproveitados os conselhos do publico, quasi sempre attendiveis e sempre uteis.

Seguiu-se o apparecimento dos *Dous Renegados*, com que seu auctor, que já a vós e ao publico denunciou o seu nome, estreou tão moço a sua carreira litteraria, — sob os auspicios das mais promettedoras esperanças. O applauso unanime, com que o publico acolheu este drama, as numerosas enchentes que elle deu, não só ao theatro da rua dos Condes n'esta cidade, como ao de S. Pedro d'Alcantara no Rio de Janeiro, os artigos que publicaram em seu abono os jornaes do tempo, nada mais fizeram do que repetir o juizo já d'ante-mão por vós formado. Admiraram todos a agigantada invenção do drama, sua disposição e progresso, seus caracteres exaltados e constantes, suas situações dramaticas bem calculadas, — e principalmente suas engenhosas peripécias e seus excellentes desfechos. — E com tudo isso se-deram os espectadores por bem pagos para relevarem de bom grado pequenas incoherencias e impropriedades. O mesmo estylo todo, por assim dizer fantasmagorico e cheio de expressões coruscantes, ajudou a fascinal-os completamente. Vós sabeis como este drama, depois de vos-ser apresentado pela primeira vez, recebeu varios decotes em sobejidões de máu effeito, e os mais necessarios retoques de linguagem a que o auctor se-sujeitou com a louvavel docilidade, que é o mais decidido caracteristico do verdadeiro talento. O que talvez se-possa ainda exigir nos *Dous Renegados*, para a perfeição, dar-lhe-ha de certo seu imaginoso auctor com a reflexão da experiencia, dos annos e do progresso dos seus estudos, que já nas ulteriores publicações tem manifestado.

A restauração do gosto e paixão pela arte dramatica, não se limitára ao recinto da Capital. No *Porto*, a nossa Commissão filial, junta á Delegação da Inspecção Geral dos Theatros naquella cidade, tem obtido os grandes resultados que em separado vos-serão presentes. Em *Coimbra* — na terceira cidade do Reino — tambem se-formou uma Associação Theatral, e as honras de poeta da scena competiram a um joven Conimbricense, que já se-tem feito conhecido por variadas producções litterarias. Referimo-nos ao talentoso auctor do *D. Sisnando*. Esta tragedia, depois de impressa, e, segundo cremos, representada em *Coimbra*, foi submettida ao Conservatorio com renúncia ao beneficio do incognito, e por elle julgada digna de correr a sorte das provas publicas, soffrendo varias modificações, com as quaes amplamente se-conformou o auctor. Louvada foi por todos a original lembrança do assumpto, que, tão pouco familiar ainda aos mais entendidos, foi tractado na tenra juventude com tal fidelidade e tanta riqueza poetica. Com tudo veio esta tragedia achar o publico de *Lisboa* tão demasiado cavalheiro, e tão pouco disposto, que não toleron expressões que, dictadas embora com propriedade pela paixão, eram todavia offensivas ao sexo formoso; desapprovou-a. Segunda vez foi retocada: mas, ou porque o publico quiz sustentar capricho, ou porque não estavam os actores muito habituados a calçar o cothurno, é certo que ainda não foi applaudida. Viram-se somente os defeitos; não se-apreciou a incontestavel belleza de muitas scenas, a elegancia e energia da fraze e a finura que por vezes offerece o dialogo.

Quasi pelo mesmo tempo apparecêra no Conservatorio a *Actriz*. Foi devolvida a seu auctor para lhe-fazer muitas modificações, que foram causa de ser muito mais tarde levada a scena. Esta composição, deduzida de um pensamento nobre e sublime apresentado em estylo vigoroso, e cheio de colorido poetico, com linguagem pura e castigada, dialogo interessante e bem sustentado, mui excellente para ser lida, nem por isso teve boas acolhenças, quando ouvida entre os illusorios bastidores. Seria por ventura que as pégadas giganteas da monstruosa eschola ultra-romantica, apagassem e fizessem desvanecer tantas bellezas?.. O auctor mostrou-se decididamente engenhoso; mas inclinâmo-nos a crer que não tinha ainda adquirido bastante d'aquella prática, que diremos — mechanica da scena.

Vamos á comedia classica de costumes, intitulada o *Camões do Rocio* — O merito desta composição, de um genero seguramente mais difficil na litteratura do que ess'outro todo de paixões violentas e sanguinarias, deveu muito a este Conservatorio, que na fabula, no estylo, na conducção das scenas, na ordem total do drama, — em summa no desenho e no colorido d'este bonito quadro, concorreu tanto para que seu applicado e docil auctor recebesse a primeira e nova palma que se-cortou para taes composições. Hoje é opinião quasi geral que o *Camões* é, de quantas peças tendes a julgar, a que menos defeitos encerra, e está mais bem acabada. O juizo do publico manifestou-se decididamente n'esta peça: tantas vezes a-tem applaudido em scena que não falta quem a saiba de cór, e seja capaz de reproduzir o manuscripto. Não dissimularemos todavia que, tanto na linguagem como principalmente na ligação das scenas, a comedia poderá ainda ganhar, recebendo retoques que não serão muitos, nem difficeis.

Ao *Camões* seguiu-se — O *Marquez de Pombal* — Já com este nome subíra á scena dos nossos dias uma composição cheia de situações dramaticas de muito effeito, a par de não poucas impropriedades. O primeiro auctor levou a mira em patentear as distinctas acções sabidas, e animo grandioso do primeiro Ministro do Senhor Rei D. *José*: o segundo com maior estudo de factos especiaes e de circumstancias melindrosas da epocha do renascimento litterario, e administrativo em Portugal, parece propôr-se a apresentar os fracos d'essa nomeada administração: ambos desprezaram as regras de acção e unidades: não teve porém o segundo, como o seu predecessor, a lembrança de lisongear o amor proprio nacional, ou de fascinar os espectadores com algum outro feitiço, que lhe obtivesse o cubiçado premio das palmas. — Não podemos occultar que houve quem achasse pouco satisfeitas algumas conveniencias sociaes: o auctor introduziu ás vezes côres suas tão vivas e carregadas, em caracteres tão nossos conhecidos pelos contos de nossos pais e avós, contemporaneos a essa epocha recente — que a maior parte dos espectadores acharam-se pelo drama desagradavelmente surprehendidos. Temos modernamente levado, talvez longe de mais, a idéa de que ao escriptor dramatico é concedida amplissima liberdade de inventar, e de transtornar os factos. Sabemos que *Gil Vicente* não é *João de Barros*, mas tambem tivemos agora uma prova da conveniencia de que estejam em paz um com o outro; ou, pelo menos, que não se-declarem guerra aberta. Tambem na fabula se requer verdade, segundo a elegante e conceituosa expressão de um crítico francez. O público — juiz que não perdoa — é quem ás vezes decide melhor certas questões. Apresentando-se-lhe uma successão de quadros que elle, bem informado, reconhece por falsos, offende-se no seu amor proprio de que o-quizessem illudir, e muito faz em se-retirar calado e cortez. — « O *Marquez de Pombal* — (diz um nosso illustre consocio) apparece sempre sedento de sangue, profundamente vingativo e nunca revellando o grande homem que foi: a severidade que ostenta parece quasi sempre um fim, raras vezes um meio. » E com effeito os espectadores não desapprovariam de todo alguma das duras severidades do Marquez, — analoga á da condemnação dos fidalgos puritanos; mas desejariam vêr logo a par, ou as ordens dictadas pela politica d'então, tambem duras e despoticas, mas nascidas de espirito de patriotismo, chamando á côrte algum colono mais abastado, afim de attrair á metropole a maior somma de riquezas; ou os rasgos de magnanimidade do reformador de toda a Monarchia, — do architecto da nova *Lisboa*. O Conservatorio conseguiu aperfeiçoar o estylo e organisação singular e extremamente romantica do drama: e este não podia nem devia soffrer outras correcções, sem que fôsse transfigurado o pensamento do auctor.

E' chegada a vez de darmos conta de outro drama, manifestamente escripto por um joven cujas boas disposições muito nos cumpre auxiliar: — *Os Dous Campeões ou a Côrte d'El-Rei D. João I.* Não se cançou pouco o auctor em estudar e folhear os chronistas e historiadores de melhor nota, a fim de, com tanta fidelidade, levar á scena a Côrte portugueza de ha perto de cinco seculos. — O público tem sempre applaudido o drama nas suas representações. Não podêmos encobrir quanto o Conservatorio deve apprazer-se desse applauso dado a uma obra, que foi por elle em muitos logares alterada e transmudada: — se bem que ainda podéra ser mais, quando não houvesse por ventura a intenção premeditada de deixar ao auctor a prerogativa de ultimar e aprimorar uma obra sua. E' quasi unanime a opinião de que este interessante drama alcançará futuro duradouro, se o auctor, proseguindo em dar desapiedados cortes em tudo quanto fôr alheio ao nexo e enredo, fizer sobresahir o incontestavel valor deste. As bellezas de mero ornamento são, no dizer de Pope, as roupas douradas e de brocado com que os pintores occultam a falta d'arte; e certo que bem longe está o auctor de precisar de taes recursos. Se este drama fosse vertido em outra lingua, os dourados sem o brilho do original pareceriam nodoas, ou quando muito, ouropeis. Convencido deverá o auctor estar, que não é pelas erudições que se-ostenta um drama: despegue-se pois do amor a certas expressões e pensamentos mais queridos ou menos vulgares: exclua as personagens inuteis á verdadeira acção: atenúe os excessos pouco criveis do patriotismo tão exaltado: e livre-se de todas as affectações forçadas, que lhe agouramos aos seus *Campeões* uma victoria completa. O drama em scena pede mais acção do que requintes estudados de conceito, os quaes só fazem apparecer de contínuo o vulto do auctor na maior parte das scenas, — e adeus illusão scenica! D'aqui nasce o fundamento com que alguns dramaturgos modernos, quando imprimem suas obras, assignalam, para serem cortados na representação, pensamentos e expressões que ás vezes tanto agradam na leitura. Appropriada é, em nosso entender, a comparação das imagens do drama ás pinturas do scenario. Os toques rapidos e fortes, mas onde precisos, fazem maior effeito do que os mais delicados apuros da trabalhosa miniatura. Porém, Senhores, os = Campeões = ainda se-estão, por assim dizer, a criar: não sabemos se fomos mais sinceros do que convinha; sabemos só que as intenções eram e são puras, que levámos unicamente a mira em animar os seus primeiros *passos d'armas*.

Como este drama, depois de submettido ao Conservatorio, teve que demorar-se por via dos retoques, adiantou-se a apparecer a *Auzenda* perante o público. Não são poucas as lindezas poeticas deste drama da *Auzenda*, nome que alguem desejára antes ver substituido pelo do *Trovador* que desempenha o caracter de protogonista. Appresentar um poeta d'outras eras no contraste dos dous extremos da fortuna — já no desamparo de tudo, excepto do amor; — já illustre e rodeado de todas as affeições, é na verdade um pensamento philosofico eminentemente dramatico. — Com tudo, ou por que desagradassem alguns archaismos, com que o auctor quiz dar ao seu quadro as côres do tempo, ou porque os espectadores reconheceram um como desleixo na acção e estiramento no dialogo, ou porque preferiam ouvir certas declarações amorosas affinadas por outro gosto, ou porque achassem dureza n'alguns desfechos, ou talvez por um pouco de tudo isto, a *Auzenda* apresenta-se neste concurso menos favorecida de maior numero de representações.

Veio por fim o — *Captivo de Fez* — drama cuja fabula é mui bem atada e engenhoso o enredo. As peripecias fizeram grande impressão e os fechos dos actos foram julgados de mão de mestre. O seu effeito em scena foi decididamente grande; porém seria talvez ainda maior, se o estylo que se-acompanha de tanta naturalidade fôra sempre mais dialogal e menos narrativo. Neste sentido, bem como na reducção a cinco actos, de seis que tinha o drama, e no apurado de algumas scenas e feições de caracteres, muito serviço fez ao drama a penna do juiz intendido á qual é já impossivel deixar de attribuir o estado prospero do theatro portuguez. Assim ella houvera

sido ainda mais rigida tanto neste drama como nos outros todos!...

Diremos a final duas palavras da engraçada composição = *Um noivado em Friellas* = O pensamento foi sem duvida feliz, e a pequena acção desta farça engraçada é conduzida com muita naturalidade. Os seus picantes adubos de sal a-tem feito acolher com risadas e palmas dos espectadores, que nella vêem retratados caracteres muito seus conhecidos. Bem haja o Conservatorio pelos seus desejos de animar este genero de composições, que chamam faceis; por que o parecem; mas em cuja mesma facilidade encontra o difficil quem as-quer acompanhar de gosto e graça, e de utilidade para a correcção dos costumes.

Tal é, Senhores, o mais franco juizo que vos-soubemos expôr, em desempenho das obrigações que nos-confiastes: corrigí-o como vos approuver: desejáramos ter sido antes panegyristas; porém isso valêra o mesmo que atraiçoar a vossa confiança. Cabe porém, desde já, prevenir-vos que estes juizos se-referem aos dramas como elles foram postos em scena. — E' possivel que para o futuro venham a ser retocados tanto, que conservando o mesmo nome variem até na essencia; e pareçam austeros alguns de nossos dictames. — Outro tanto já talvez succeda a alguns dos pareceres das commissões que primordialmente os-censuraram, taes como elles eram antes de aperfeiçoados para se-poderem representar. Vós tereis em conta estas modificações successivas, para firmardes com circumspecção o vosso conceito.

Igualmente nos-cabe patentear que poderá acaso no decurso deste relatorio apparecer alguma expressão que indique termos nós conhecimento dos nomes dos auctores, cujas obras se-tracta de julgar. A tal respeito, o Conservatorio prometteu, e tem religiosamente guardado o sigillo, conservando intactas, como vos-serão apresentadas, as cedulas que acompanharam as peças e que devem encerrar esses nomes. Não vos é desconhecido porém, que os proprios auctores têem espontanea e voluntariamente rompido o segredo — circumstancias que hoje augmentam as nossas difficuldades e as vossas tambem. Reste-nos porém, ao menos, a consciencia de não termos tido parte nessa revelação.

Tambem não podêmos, Senhores, deixar de preconisar devidamente o methodo de julgar composições dramaticas novo e até agora não praticado em paiz algum, adoptado pelo Conservatorio. A experiencia o tem mostrado o menos imperfeito dos possiveis: julga-se dest'arte primeiro, se uma composição dramatica merece ser apresentada ao seu principal juiz — o público — e aguarda-se reflectidamente pelo veredicto deste grande Jury, antes de proferir a sentença cabal de que ora vos-ides occupar. Na segunda cidade do reino já os nossos consocios no Conservatorio que ahi formam a sua Commissão filial cumpriram esse dever, como vereis de seus eruditos e elegantes relatorios, que tanto honram aquella illustrada parte do nosso Instituto.

Felizmente para nós, só temos que registar as suas sentenças. Porém cumpre proferir as que immediatamente competem a esta associação, e duro foi o transe que nos impozestes, obrigando-nos a extremar as composições que julgamos no caso de receber o ultimo laurel academico, e de sermos os primeiros a votar. O nosso voto, Senhores, pelas observações deduzidas e ponderadas no presente relatorio é que merecem a adjudicação do premio definitivo:

= *Os Dous Renegados.* =
= *O Camões do Rocio.* =
= *O Captivo de Fez.* =
= *Os Dous Campeões.* =

Vós resolvereis o que mais justo vos-parecer.

Sala da Commissão no Conservatorio Real de Lisboa, em 19 de Novembro de 1841.

— *Francisco Adolfo de Varnhagen.*

— *Francisco Simões Margiochi.*

NOTICIAS.

RUSSIA.

236 O nosso *Correspondende de Petersburgo* escreveu-nos, com a cautella com que sempre n'aquelle Imperio se-redigem as correspondencias, mas aqui extractamos a parte mais curiosa:

« Publicou-se um Ukase, concedendo grandes privilegios aos Russos que se-transportarem para a Polonia, a fim de se ali empregarem em negocio ou officios.

« Nós mesmos aqui não sabemos quaes foram a origem, os meios, ou o fim da conspiração abortada. O que sei é que o Imperador, assim que teve noticia dos primeiros gritos no quartel de um regimento, montou a cavallo com o seu Estado Maior e partiu á testa das tropas fieis. Chegado ao quartel, entrou sosinho, e avançando para os soldados, dirigiu-lhes um discurso cheio de fogo, que começou a abalar. Um dos Officiaes, vendo tal, arremessa-se e dá voz de preso ao Czar, que lhe-responde, traspassando-o com a espada. O perigo era imminente, saíu, e commandou logo o assalto, que durou algumas horas, ficando mortos quasi todos os sublevados; o resto partiu no mesmo dia para a Siberia. «

ALLEMANHA.

237 Todos conhecem a questão religiosa dos casamentos mixtos, que hoje se-agita na Allemanha Protestante, e que tão notavel se-tornou pelo debate entre o Papa e a Prussia, a que deu motivo o Arcebispo de *Colonia*. O nosso *Correspondente particular* de *Stuttgard*, escreveu-nos a 17 do passado que na Sessão da vespera se-terminara a discussão desse negocio quanto ao *Wurtemberg*. « Corrido o escrutinio, junta elle, declarou o Ministro do Reino que no caso em que o Bispo continuasse a negar ao successor de um padre, dimittido por ter-se opposto aos matrimonios mixtos, a consagração canonica, elle Bispo por desobediencia á lei seria submettido a um processo ante a competente authoridade judicial. Erguendo-se solemnemente o Bispo, exclamou: — Á lei humana, respeito quando possivel; á lei divina, obediencia sempre. Desobedecerei! — «

Outro *Correspondente de Hamburgo* nos-dá numerosas noticias que a falta de espaço nos-veda trasladar. Aquella cidade, informa elle, vai fazer em *Harvstehude* um novo e magnifico passeio; achava-se ali o célebre *Ole Bulle*; a Faculdade de Philosophia de *Konigsberg* nomeou *Doutor em Música* ao famoso pianista *Franz Liszt*; na Dinamarca acaba de se-cunhar uma nova moeda, com outras divisões do Rigsbankdaller; a *Prussia* quiz alcançar que a Dieta Germanica prohibisse os *Annaes Allemães* que se-publicam em *Leipsic*, porem o Governo da Saxonia liberalmente se-negou, etc. etc.

FRANÇA.

238 Numerosas reuniões de Deputados para tratar de eleições, e nunca os legitimistas trabalharam tanto. — O *Nacional* foi novamente condemnado pelo Jury. — Fazem-se em Tunis preparativos de guerra: 2 Officiaes francezes, ao serviço do Bey, organisam as tropas.

HESPANHA.

239 Começou a debater-se o projecto sobre liquidação de creditos contra o Estado. Houve na Sessão de 6 um debate animado; foi origem uma interpellação ácerca da promessa, a que o Governo faltára, de apresentar leis sobre cereaes e algodões, e do tão fallado Tratado com a Grã-Bretanha; as respostas do Ministro foram amphibologicas. — Uma serie de circumstancias faz recear aos Hespanhoes que os inglezes se-preparem para realisar um plano, com o fim de tomarem a *Havana*.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

240 *Diario do Governo de 7 de Abril* — Creação e nomeação de mais um officio de Escrivão em cada Juizo de Direito das Comarcas de *Béja*, *Elvas*, *Evora*, *Faro*, *Portalegre*, *Ribeira Grande* e *Santarem*, e mais dous em *Ponta-Delgada* — Descripção de um farol na ponta de *Aguada*, á entrada da Barra de *Gôa*, e de outro na Ilha de *Hallo*, na *Suecia*.

De 8 *Abril* — Fezes de carvão de pedra pagarão nas Alfandegas dez réis por quintal — Nas Comarcas onde não se-apurarem em cada Circulo 80 Jurados com o censo da lei, as pautas dos Jurados de Sentença serão completadas com os cidadãos que pagarem a quota immediatamente inferior; decidindo a sorte, em caso de empate.

De 9 *Abril* — Nomeação de nova Commissão para propôr meios de pôr termo á decadencia dos vinhos do Douro — Lucto de 15 dias pela morte da Archiduqueza d'Austria, Herminia.

De 11 *Abril* — Os navios, com parte da carga para a *Madeira*, descarregando essa parte e legalisando-se, poderão ainda, sob certas condições, descarregar o resto. Gosarão da mesma regalia, debaixo de analogos principios, os navios que alli forem buscar vinhos, postoque levando carga para outro porto; os que forem refrescar ou a ordens; e os que se destinarem a negocio, mas com prévia declaração á Alfandega. Circumstancias em que os navios poderão fazer sobre a vella embarque dos vinhos ou desembarque de generos — Creação e attribuições de uma Junta na *Madeira* authorisada a solver provisoriamente quaesquer questões fiscaes que occorram entre a Alfandega e o corpo de commercio — No *Funchal* não se-imporá a mulcta de dobrados direitos do porto nos casos previstos no artigo 7.º do Decreto de 10 de Julho 1834; os Capitães que não trouxerem os manifestos regulares pagarão porém o dobro das despezas e emolumentos de porto antigamente estabelecidos; e nenhuma mulcta será imposta aos navios em franquia.

De 12 *Abril* — Dissolução da Camara da *Guarda* — Nomeado o Sr. *Domingos Manoel Pereira de Carvalho e Abreu*, Juiz de Direito de *Mangualde*; e o Sr. *Francisco José Vanini de Castro, de Castro d'Aire*. — Transferido o Sr. *Luiz Antonio Corrêa de Moraes Amaral*, de Juiz de Direito de *Castro d'Aire* para *Celorico de Basto*; e o Sr. *José Bernardo Gonçalves Ferreira*, de *Mangualde* para *Monção*. — Farol na Ilha de *Ré*.

De 13 *Abril* — Contracto feito com a Sociedade *Brandão*, *Sampayo*, *Freitas*, *Roma*, *e C.ª* para adiantamento de Rs. 1,060:000$000 em dinheiro, e Rs. 200:000$000 em titulos de dívida posterior a Julho de 1833.

THEATRO DE S. CARLOS.

241 Acaba de subir novamente á scena a bella Opera *Capuletos e Montecchios*, cuja execução não desagradou. Sabido é que, por uma extravagancia, com cuja origem não podemos atinar, das Operas actuaes desappareceu totalmente a parte de *contralto*, e tanto que os Emprezarios já a-consideram como um encherto desnecessario. A Empreza de S. Carlos, não tendo pois um contralto, viu-se obrigada a confiar á Sr.ª *Schironi* um papel que não fôra feito para voz de soprano; as notas baixas saíram fracas e como que afogadas, sem que contra tal resultado valesse a perfeita mímica e o talento que a actriz patenteou.

A Sr.ª *Boccabadati filha* cantou bem, e o tempo modificará a inexperiencia, que assim torna incompleta a sua pantomima. Das outras partes basta dizer que se-houveram regularmente. O primeiro acto foi accolhido de tal fórma que todos os cantores vieram fóra no fim; n'elle se-distinguiu a aria de contralto, o dueto de contralto e soprano, e o quarteto. Recommendamos aos machinistas que mandem para o hospital a cama que de lá tiraram, e deitem a Julietta em alguma cousa que se-pareça com um túmulo.

Temos recebido duas cartas ácerca do Sr. ***, e confessamos que as accusações que contra elle se nos dirigiram, as achámos, depois de exame, fundadas. Aquelle actor, que aos portuguezes deve a reputação de que se-gosa, parece que, não contente com ludibriar em todas suas práticas a nação que o-accolhe, passa a zombar d'ella em face, agora que a sua escriptura se-acha proxima a findar. Na ultima noite em que se-deu a *Gemma*, todos os expectadores notaram a negligencia com que executou a sua parte, cantando a meia voz e como por desfastio. Tambem lhe-declaramos que o público portuguez poderá não soffrer impunemente insultos de *certa natureza*; por exemplo, no final, quando *Gemma* interrogando-o, exclama: — Chi te seducci? — e que a sua resposta deve ser — Il tuo e il mio *furor* — ouviu-se perfeitamente o modo porque este Sr. adulterava as palavras, *e nem só n'essa occasião*. Elle bem entenderá este portuguez como nós entendemos o seu italiano. Cumpre que em cousas taes haja n'este Theatro mais vigilancia; até as coristas riem, conversam, e se-escondem umas atraz das outras; valerem geralmente cadauma por dous não justifica taes liberdades.

Dizem que a Empreza protestára a escriptura da Sr.ª *Boccabadati*, pelo estado da sua saude, e que esta Sr.ª protesta contra o protesto.

A nova Companhia estreia-se na *Beatriz* que já representou, e terá que luctar contra as saudosas recordações que nos deixaram *Coletti e Galvi* tão difficeis de igualar. Entram n'ella as 1.ªs Damas *Boldrini* e *Fasciotti*, o Baxo *Constantini* e o Tenor *Ferreti*.

THEATRO DOS CONDES.

242 Assistimos, na 5.ª feira passada, á primeira representação da opera comica — *O Campo dos Desafios* — musica do já conhecido e acreditado compositor *Herold*. O entrecho da peça é de mui pequeno vulto — um accessorio indispensavel, para que o espectador ouça, de melhor vontade, a enfiada de córos, cavatinas, duetos, e tercetos etc.

O elogio da musica está, no muito que agradára, apesar de não ser executada por primeiras partes. —

Pareceu-nos, comtudo, menos original, que a do *Domino* — talvez mais scientifica. — O vestuario é bom: o scenario bello — se a peça é traduzida!... A vista do 3.º acto é de grande effeito. O palacio do Louvre, inteiramente illuminado, apparece no fundo; e a perspectiva, por mui *fugitiva*, prolonga-o, a ponto de completar a illusão. — Os córos foram soffrivelmente: como curiosos, merecem desculpa. — A nova dama, *Radicci*, recebida até meado da peça com indifferença, grangeou applausos no alegro do terceto do 2.º acto: tem voz clara e igual; pouca agilidade: a figura e mímica, não são para rainha de Navarra. Espera-se que a peça dê dinheiro, e com rasão. Muita musica, e quasi nenhuma declamação — *c'est le bon ton* — assim o-dizem os ultimos figurinos theatraes. O nosso pôvo está no berço, e quer que lhe-cantem — *Fiat voluntas sua.*

P. S. Dá agora n'este theatro exercicios gymnasticos uma companhia de 4 inglezes, que principia a dizer que partirá na semana que vem para Cadis e Gibraltar. Melhor o permittirá Deos!

THEATRO DO SALITRE.

243 Sabbado 9 representou-se pela primeira vez, no Theatro do Salitre, sob os auspicios da Sociedade, sua protectora, denominada de *Gil Vicente*, o Drama *Roberto do Diabo*. Havia enchente; o titulo da peça, e o nome do Classico poeta d'El-Rei *D. Manuel*, não eram para menos; e o público apezar do esplendor, com que, não ha ainda muito, víra aquella mesma ficção executada em S. Carlos, não saíu descontente. É esta composição uma daquellas que se não podem julgar n'um artiguinho passageiro, porque envolvendo em si muitos generos, e quasi todos os generos, a declamação tragica, a declamação comica, a poesia propriamente dita, a musica vocal, a musica instrumental, a mímica e dança, a architectura, etc. etc. etc., e carecendo por isso de ser diversamente apreciada por cada um dos seus diversos aspectos, só depois de descontados entre si, e uns por outros, todos os seus meritos e demeritos, se-poderia chegar a determinar-se-lhe de algum modo o valôr; renunciamos por tanto esse empenho. Obrigados da estreiteza do espaço, de que para taes materias podemos dispôr, limitar-nos-hemos por agora a dous conselhos, tão sinceros como amigaveis; um d'elles ao público em relação ao Theatro do *Salitre*, o outro á empreza do *Salitre* em relação ao público. Ao público e aos jornalistas, que são, ou devem ser, ora os seus interpretes, ora os seus conselheiros e guias, pertence favorecer e animar os esforços desta Sociedade de *Gil Vicente*; e tanto — quanto se fôr vendo, que tendem, como o seu nome promette, para nos-começar o que ainda não tivemos, nem temos, um *Theatro Nacional*. Á Sociedade incumbe o extremar sempre a sua empreza por provas constantes, claras e positivas, de boa e sincera vontade: prefira em igualdade ou quasi igualdade de circumstancias — o nacional ao estrangeiro, e d'entre dous escriptos nacionaes o mais nacional; — a moral pura que aproveita, ás indecencias e grosserias que pervertem; — o juizo, a verdade e bom gosto, aos desatinos, que aturdem, e fascinam os parvos; — e por ultimo, a declamação ao canto. Esta derradeira recommendação é de muito maior monta do que á primeira vista poderia parecer: dos dous Theatros subsidiados pelo Estado, um o-fôra para por elle se-manter a musica, o outro para servir de norma, tanto aos fazedores como aos representadores do drama portuguez; mas o para este fim subsidiado converteu-se a si mesmo em opera, e por signal que muito má, nem outra cousa era possivel; é logo indispensavel que a obrigação que elle não cumpre, e não quer cumprir, alguem menos melomaníaco, porém mais portuguez, a procure desempenhar. Se a tanto chegasse a Sociedade de *Gil Vicente*, mereceria e alcançaria as nossas bençãos, e uma honrosa menção na nossa historia litteraria.

ASSOLAÇÕES DE UM LOBO.

244 Temos á vista uma carta escripta para esta cidade a uma illustre dama, por pessoa, que havemos por mui fidedigna, e moradora junto a *Castello-Branco*, na Freguezia da *Zibreira*; della extrahimos em substancia o seguinte: — «Os ventos, que por aqui têem cursado, parece que trazem peste para os vegetaes, particularmente para as searas: com elles tambem arribou para estas paragens uma féra, cujos estragos já não são de pouca monta. É um lobo preto, grande e temeroso, que, não sem fundamento, se-julga damnado; o qual anda exercendo as suas tyrannias pelas abas da Aldêa de *Toulões*, arredada daqui uma legua, mas pertencente a esta mesma Freguezia: apparece como um raio nos pastos, por onde os moradores da terra se-andam derramadamente guardando as suas vaquinhas; rompe por entre os gados, sem n'os accommetter, nem se-lhe-dar dos cães, e vai descarregar os impetos de suas furias nos pastores. Já matou a duas raparigas; e á segunda, que era uma formosa moça de 17 annos, devorou-a. De dous rapazes, com quem investiu, deixou um em lastimoso estado, o outro morto.

A sorte deste tem de excitar dobrada compaixão nos corações feminís; — porque, ou foi uma resolução heroica e mui superior á baixeza de sua condição, a que o-levou áquelle transe, cubiçoso de vingar no monstro o desastre daquellas duas raparigas; ou, — segundo parece mais verosimil, os seus amores, despojados repentinamente de esperanças, e até de objecto, o-arremessaram a uma vingança, que não podia deixar de lhe-ser fatal. A vingança não n'a-conseguiu, mas gosa-se de repouso, que já sobre a terra póde ser que nunca mais encontraria.

Outro camponez topou ultimamente com a féra em sitio, onde era inevitavel o recontro: saca fôrças do terror — e da desesperação, esperanças: joga-lhe um bote ao pescoço; travam-se na mais horrenda lucta: o bruto parte poucos momentos depois voando, e arrastando o gavão, que arrancára ao seu adversario, e que na sua cegueira suppõe ser o seu adversario proprio: este recolheu ao povoado com vida, mas não isento de feridas graves.

INCENDIARIOS.

245 Escrevem-nos, que na villa de Vagos nas cazas da quinta denominada da *Monica*, pertencentes ao Bacharel Casimiro de Almeida Barreto na noite de 7 para 8 do mesmo preterito Março, fôra posto acintemente fogo por mãos desconhecidas. O povo boquêja em dous individuos — tanto valem reputaçõesbem assentadas! A justiça procede nas diligencias doseu officio.

CRIA O CORVO, TIRAR-TE-HA O OLHO.

246 Na noite de 10 de Março ultimo derrotaram ao Sr. Pedro Bernardino Pimentel da Villa de Vagos um pomar de pevide e carôço na sua quinta, chamada das *Poisadas*, no arrabalde da mesma villa: quando veio a manhã era lastima ver tantas e tão formosas arvores, que já todas trajavam Primavera, e promettiam, rindo, uma abastada colheita, estropeadas, desfiguradas e mortas — umas cortadas pelo pé, outras despidas de sua casca, outras esgalhadas. Procuraram-se os rastos dos auctores de tal bruteza; só os de dous homens se-encontraram. Tem para si o Sr. Pimentel, e assim se-acredita, — que este estúpido maleficio lhe-fôra feito por dous sugeitos, a quem elle á força de generosos beneficios fizera ingratos. Em sua caza os-hospedára por largo tempo, convertendo-lhes a miseria em abastança, e vestindo até de suas roupas a um d'elles, e ao que se-julga primeiro cabeça na maldade: por suas diligencias e valimento ambos conseguiram empregos. Monta o prejuizo para mais de 200$ reis — as arvores sacrificadas passaram de cem, e eram as melhores d'aquelle curioso pomar em que seu dôno se desvelava havia sete annos. Se os perpetradores d'esta obra se chegarem a descobrir, e a justiça os colher ás mãos, ainda que não sejam os mesmos dous, em quem se põe a bôca, certamente que lhes-deve um castigo exemplar; porque um tal feito é immoral e pessimo por todas as suas circumstancias.

NADA SE FAZ QUE SE NÃO SAIBA.

247 O mesmo *Periodico dos Pobres do Porto*, d'onde tirámos o successo referido no artigo 211 do n.º passado, diz hoje, que a diligencias do Administrador do Concelho de Guimarães, se descobriu — *o reputado criminoso* — que é Marchante. Que o facto não *tem apparencia de criminoso, mas antes de prestigio, etc.* E continúa de fórma, que não comprehendemos, e deixa ficar o negocio ainda em mysterio. Promettemos seguir o fio *desta meiada* e annunciar o que averiguarmos.

N. B. — O Jornal a que alludimos, declara que extrahe de uma carta do referido Administrador: e conclue assim: — *Os nossos leitores ajuisarão o que lhes parecer.*

248 *Os Jornaes das Ilhas*, até 30 do mez passado, que recebemos, não deparam noticia alguma *que devamos referir.*

ENSINO GRATUITO.

249 Sabbado, 16 do corrente, pelas 7 horas e meia da tarde, na sala das sessões da Sociedade *Escholastico-Philomatica*, rua de S. Martha n.º 23 — se abre um curso publico e gratuito de Mathematicas elementares — regido pelo Socio da mesma o Sr. *Camarate.*

As disciplinas serão expendidas pela *Arith.* do Sr. *Albino de Figueiredo*: Composição d'equações: *Geom.* até *linhas proporcionaes* do mesmo Sr. *Albino*, tudo mais do Sr. *Villela*: *Trignom.* do Sr. *Feyo.*

Os nomes assim de taes Auctores, como do habil Professor que a este serviço se-presta, e a hora em que todos estão já livres de seus mistéres — tudo nos-fia, que muitos dos que algumas noções tenham já destas materias — correrão a se-elucidarem por tão vantajoso meio. *T.*

PASMOSA PERVERSIDADE.

250 Era pelos fins de Março, que lá vai; um homem do logar de Bustos, Freguezia da Mamarrosa, Concelho de *Mira*, andava cavando em um bacêlo perto do caminho público; chegadas as horas vê assumar sua mulher, a Mãi de seus cinco filhos, que lhe-vem trazer o almoço preparado por suas mãos; apressa-a com um acêno; recebe-lhe a comida; sentam-se, almoça, — despejada que foi a pobre baixela, já a mulher a-recolhia, e se-dispunha a tornar-se a casa, onde tinha os filhinhos, cuidar nas obrigações da sua cançada vida, e aprestar para elles e para seu marido a segunda refeição, quando este lançando-lhe rijamente as mãos, a-detem; e lhe-diz, — que se apparelhe para morrer: — pessoas, que pelo caminho passavam, foram testemunhas desta scena; de joelhos, com as mãos erguidas, e o terror no semblante, a desaventurada parecia alternar as mais ardentes preces entre o céo e o seu verdugo: o céo estava sereno, o sol descoberto, a natureza contente, tudo convidava a viver e a amar: — o monstro via-se andar vacillando entre a horrenda lucta do seu bom com o seu máu anjo — com a enxada apertada no punho, ora se-dirigia contra a victima inerme e supplicante, ora tornava rapidamente ao trabalho; por algum espaço se-andou desatinado n'este vaivem; — alguns passageiros, que no caminho se-haviam detido, espantados do que viam, e temendo já aquillo mesmo que não julgariam possivel, acodem correndo, mas o ferro, destinado a fecundar a terra, desceu como um raio sobre a cabeça da mulher e Mãi — o cérebro, povoado certamente das imagens de seus filhos, saltou disperso entre ondas de sangue sobre os torrões: — o furioso, mais furioso pela barbaridade já consumada, continuou ainda a cavar a golpes redobrados — ¿ na terra para sepultura? não — no corpo estendido e ainda quente da companheira do seu leito. Grita-se a soccorro; acode o povo do logar; querem prendel-o, mas elle, brandindo uma foice roçadoira, girando em roda do cadaver, e escoicinhando-o brutalmente, ameaça morte infallivel a quem quer que se-aproximar. Tambem as féras se-caçam; foi a final tomado, e conduzido ás Cadêas do Concelho. Dizem que este perverso andava amancebado, e que já por vezes havia meditado, romper por sua mão os vinculos conjugaes. Os cinco innocentinhos, que todos são ainda menores, e formosos, segundo nos-affirmam, lá se andam depois da falta de sua Mãi dispersos e perdidos como cinco aljofares desenfiados do cordão de seda, que os-unia. Louvor á mão caritativa, que os-levantar da terra para aproveital-os. Temos uma Casa Pia que não cederá a outrem essa gloria! Que maiores recommendações para benevolencia? Pequenos, filhos da pobre assassinada; filhos do homem por quem já está esperando no ultimo degráu do patibulo o pensamento do algoz.

¡ Maldita seja a impunidade! ¡ Maldita seja a falta de instrucção religiosa e litteraria!

AURORA BOREAL.

251 Nesta noite de 13 d'Abril, ás 7 horas e 50 minutos, foi vista percorrendo rapidamente o horisonte na direcção d'O. a E. — durante o espaço de 8 a 12 segundos, uma soberba *aurora boreal*, que logo desappareceu, deixando uma fugitiva tintura rubra.

252 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 6 ATÉ 12 DE ABRIL DE 1842.

Dias do mez	Termometro exterior Min.°	Termometro exterior Max.°	Barometro 9 h. m.	Barometro 3 h. t.	Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Atmosfera.
6	46°	57°	755,1	755,1	2	N.O.	Peq. aguac.° com graniso, e cl.os—Trovoada remota de 8. Frio e m.° seco.
7	42	60	59,4	58,0	3	O2 NO2	Cl.° e nuv.s— Aguac.° com graniso á noite. Frio e muito seco.
8	50	59	56,8	55,5	8	1O NO2	Cob.° e clr.s — Id.m abund.e á noite. — Frio e m.° seco.
9	43	56	53,3	51,6	2	1NO	Cob.° e chuvisco m.° frio. — Cl.° e nuv.s —Frio e m.° seco.
10	44	61	51,2	50,8		N. NO.	Cl.° e alg.s nuv.s — Claro. —Frio e m.° seco.
11	45	64	52,5	50,0		NE. SO.2	Cl.° — Cob.s e alg.m claro. — Frio e m.° seco.
12	52	61	44,2	44,3	26	B	Chuva serena e copiosa até ás 10 h. m.—Cob. —Ar seco.

Continuou até 11 a funesta influencia da primeira quadra deste mez, permanecendo a mesma frigida temperatura acompanhada com grande secura no ar, e pequenas chuvas de aguaceiros de mistura com graniso meudo, as quaes na totalidade igualaram as que cahiram em todo o antecedente mez, e não deixaram de ser proveitosas aos ressequidos campos, cujas plantas exhaustas de humidade, e crestadas, ameaçavam total ruina. As noticias das provincias confirmam os grandes estragos causados pelo intempestivo rigor da estação, que teve principio no meado do mez passado. Os favaes temporãos em torno da capital foram quasi todos destruidos, e já se-ceifam para pastagens, mas ainda restam esperanças nos serodios. No Alemtejo tem gelado a agua repetidas vezes, e tem apparecido continuas geadas, as quaes crestaram os arrebentos das arvores e vinhas: os centeios foram queimados, e o mesmo aconteceu ás pastagens, que se-mirraram, deixando os gados sem alimento. Os mesmos prejuisos se-repetiram nas provincias do norte, nas quaes tem nevado amiudadas vezes. Segundo as nossas observações a temperatura media dos primeiros dez dias deste mez, não subio a mais de 52.° F., o que representa o calor de Dezembro o Fevereiro em Lisboa, fenomeno assáz funesto, e que já presenciámos em Abril de 1837, em cujo mez tambem nevou abundantemente na Beira-Alta; sendo acompanhados aquelles frios com a mesma secura do ar, a qual excitando grande evaporação nas folhas dos vegetaes, as-secca e queima. É tanto mais para lastimar este acontecimento, por isso mesmo que o anno indicava grande fertilidade em todas as producções da terra. O dia 12 em que estamos escrevendo estas notas, amanheceu com a temperatura menos aspera, e uma copiosa e serena chuva, que até ás 3 h. da tarde subio a 26 mill.os, parece indicar que terminou a funesta quadra dos frios, fornecendo abundante rega aos campos, que ainda poderá reanimar a amortecida vegetação, mui principalmente a dos trigos, já tão definhados.

Á semelhança do que expozemos a respeito do mez de Março, daremos uma idéa das qualidades que caracterisam um mez de Abril de regular andamento, deduzidas como termo medio das observações dos annos antecedentes. — Temperatura das madrugadas 51.° F. ($8\frac{1}{2}$ R.) Dita nas horas meridianas 66.° ($15\frac{1}{4}$,) sendo por tanto a variação media diurna do calor de 15° (7.) — A temperatura media do mez é de 58.°$\frac{1}{2}$ (12.°,) a qual ainda excede 2.° F. á que se-experimenta em Pariz no mez de Maio, e apenas mais fresca de outros dois gráus, á de S. Petersbourgo em Junho. O maior frio que apparece regularmente é de 44.° ($5\frac{1}{2}$,) e o maior calor de 76.° ($19\frac{1}{2}$:) comtudo nos mezes excepcionaes já vimos descer o termom.° a 37.° ($2\frac{1}{2}$,) e o calor atingir 84.° (23.) A chuva regular sóbe a 52 millimetros, ou $15\frac{1}{2}$ almudes por braça quadrada, distribuida em 10 dias chuvosos, e é relativamente a este metéoro que se observam as maiores desigualdades, tendo já acontecido cahirem 138 millim. em 1819, e um só millim.° em 1836: o numero dos dias de frio sensivel não excede regularmente a 9, e os de calor a 4: o numero dos dias ventosos é de 9.

Pela respectiva posição do Sol e Lua, no corrente mez, serão mui pouco elevadas as suas duas marés de aguas vivas, e sempre inferiores á maré media. A do novilunio do dia 10 devia ser mais fraca que a do plenilunio de 24, o qual representará, com pequena differença, a maré media ou regular.

M. M. Franzini.

UMA CALAMIDADE ATALHADA A TEMPO.

253 Na risonha aldêa de *Linda a Velha*, não longe de *Oeiras*, *Alexandrina*, mulher de *Roberto*, pobre hortelão, deu á luz, não ha agora muitos dias, uma menina gorda e perfeita em todas as mostras de fóra, porém mais que perfeita, segundo logo se-viu. Procedia a parteira, segundo as regras de seu officio, áquella operação, de que tanto depende a falla, e a que chamam o *córte do freio;* mas; qual não foi o seu pasmo, quando, abrindo a bôca da criança, não achou n'ella uma lingua, senão duas! benzeu-se a boa da comadre, como era de rasão; e calculando, como experimentada nas cousas d'este mundo, — que duas linguas n'uma só mulher viriam a ser infalivelmente um impedimento dirimentissimo para o matrimonio, pede umas thesouras, trava-lhe da inferior, e lha-corta cércea: — a hemorrhagia, que seguiu ao golpe, estancou-se; e a pobresinha vai ás mil maravilhas.

UM. . . CANICIDIO.

254 Um *brutinho* — o mais domestico, o mais prestadío, e serviçal, de quantos em nossas casas agasalhâmos, o typo da fidelidade — *o cão* — é ha tempos por ahi *acossado* inhumanamente. Um destes, rojando-se no pó, todo ensanguentado, e nos ultimos arrancos da morte, circulado de mais de cem pessoas, em espectaculo barbaro, vimos nós em um dos sitios mais transitados da nossa capital — *o Largo das duas Igrejas.* — Ouvimos que começando o pobre animal a estorcer-se com grandes uivos e signaes de envenenamento, o-sangraram ou o que quer que fosse, para o-salvar — mas alfim morreu. Não reprovâmos as disposições Municipaes que a tal respeito existam, mas o modo de extinguir assim — *a raça canina* — fazendo uma — *raça ferina* — como ficará sendo a das turbas da infancia vadia, que por essas ruas os-ajuda a *matar* — achamos ser cousa para que se-devem voltar todas as vistas da nossa boa Policia.

FALSO BOATO.

255 Inexactamente se-espalha desde hontem que o réo *Mattos Lobo* soffrerá a pena ultima, sexta feira 15; porém é provavel que assim aconteça na proxima sexta, 22 de Abril.

Na Imprensa Nacional.